

O KARATÊ NO SERTÃO DO VALE DO SÃO FRANCISCO

Pedro Augusto Ferreira Lago Filho¹
Alvaro Rego Millen Neto²

PALAVRAS-CHAVE: karatê; história oral; fluxo migratório.

INTRODUÇÃO

O karatê é uma manifestação cultural oriunda do extremo oriente, mais especificamente do arquipélago situado na região conhecida como Okinawa (LOPES FILHO, 2013). Como Okinawa fica numa posição geográfica de lhe dá proximidade tanto com o arquipélago que constitui o restante do Japão quanto com a parte continental da Ásia, suas influências culturais também foram constituídas a partir de traços das culturas continentais, especialmente os provenientes da China. Há indícios que a constituição do karatê sofreu influências de artes marciais oriundas da China, especialmente de modalidades do que vulgarmente é conhecido no ocidente como kung-fu (FROSI, 2012).

Com a abertura político-cultural vivenciada pelo Japão a partir de meados do século XIX, alguns mestres passaram a levar seus conhecimentos de Okinawa para o Japão. Nesse momento, essa manifestação da cultura corporal de Okinawa incidiu um processo de aculturação nas tradições nipônicas e passou a constituir o que conhecemos hoje como karatê. Com o fim da segunda guerra mundial, e a decorrente desestabilização de um país que foi seriamente afetado pelas consequências da guerra, houve um aumento do fluxo migratório do Japão para a Europa e para a América, incluindo o Brasil (FROSI E MAZO, 2011).

A introdução do karatê no Brasil é um processo histórico que, como qualquer outro, é alvo de disputas e contestações. Os primeiros registros oficiais (com provas documentais, tais como o registro de uma academia ou fotos de aulas de karatê) datam das décadas de 1950 e 1960 e existem ao menos duas versões significativamente difundidas sobre a introdução oficial do karatê no Brasil. Uma imputa o pioneirismo a Mitsuke Harada, que teria aberto sua primeira academia de karatê em São Paulo na década de 1950, e outra a Yasutana Tanaka no Rio de Janeiro (VIANA, 1996).

Este trabalho tem como *objetivo* descrever e interpretar o processo de implementação e de sistematização do karatê na região do Sertão do Vale do São Francisco, especialmente no que tange à compreensão dos contextos sociais, dos fluxos migratórios e das possibilidades de sobrevivência que o mercado associado ao karatê propiciou aos homens que resolveram adotá-lo como meio de vida e princípio filosófico.

METODOLOGIA

O presente trabalho tem um viés historiográfico que assume a perspectiva da micro-história (REIS, 2000) e, assim, entende a história como necessariamente múltipla e não totalitária. Nesse sentido, partimos da premissa de que não há uma história única e verdadeira, mas diferentes e fragmentadas versões que assumem seu posto em determinado momento e lugar da história. Como mostramos com o pequeno trecho em que comentamos a introdução do karatê no Brasil, há disputas de poder na definição do que seria a verdadeira história verdadeira ou total. Também podemos caracterizar este trabalho como uma produção que privilegiou a história oral como método. Mas não nos mantivemos cegamente fieis às fontes exclusivamente orais. Também utilizamos fontes históricas materiais, tais como jornais, cartas, diplomas, fotografias, vídeos, troféus e medalhas.



Para a coleta de dados dos relatos orais trabalhamos com oito entrevistas abertas com mestres que atuam ou já atuaram com o karatê na região estudada. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O karatê chegou ao Sertão do Vale do São Francisco nas décadas de 1960 e 1970. Há controvérsias sobre quem de fato inseriu essa arte marcial na região. As histórias a esse respeito são contraditórias e não dizem respeito propriamente ao período em que o karatê chegou ao sertão, mas a o quê se pode chamar de karatê. Em alguma medida, dois mestres disputam – atualmente essa disputa ocorre de forma respeitosa e relativamente velada – o pioneirismo pelo ensino do karatê na região: o mestre Rodrigo e o João Silva¹.

Diante dos relatos coletados na pesquisa, há evidências de que o mestre João Silva, ainda na década de 1960, iniciou um trabalho com o ensino do karatê no sertão do São Francisco. João Silva imigrou do sertão nordestino para São Paulo na década de 1950 e conheceu o karatê quando trabalhou em uma grande lavoura na qual também trabalhavam imigrantes japoneses. Ainda em São Paulo, João aprendeu outras técnicas de luta, especialmente o boxe (de acordo com o próprio, chegou a participar de treinamentos com o campeão mundial Éder Jofre) e a luta livre, e acabou por tornar-se um lutador profissional. Em sua trajetória profissional se destacam as numerosas vitórias no boxe e também nas lutas conhecidas como valetudo².

Como as condições de sobrevivência como lutador profissional em São Paulo não iam bem, e com as notícias do crescimento e desenvolvimento da cidade pernambucana de Petrolina³, João foi um dos pioneiros de um fluxo migratório que atualmente tem crescido – a emigração dos nordestinos (ou dos seus descendentes) que foram para a região Sudeste. Voltando ao sertão ele se apropriou de um discurso que se valia do termo karatê para englobar, de forma genérica, as diferentes técnicas de lutas então ensinadas por ele. Como o karatê era uma arte marcial com um mercado em ascensão (a indústria cultural, em especial a cinematográfica, em muito contribuiu para isso), a generalização era propícia e, de certo modo, uma estratégia de marketing.

Em sua forma mais tradicional e institucionaliza (com o controle de federações), o kârate chegou ao sertão do São Francisco com o mestre Rodrigo, no ano de 1976 e chegou ao seu ápice (em termos de número de academias e praticantes) na década de 1980. Mestre Rodrigo imigrou, ainda jovem, da cidade baiana de Feira de Santana (próxima a Salvador) apostando no sonho de poder viver do karatê na afastada e promissora cidade sertaneja de Petrolina. Após um início de muitas provações e poucos alunos, ele pode concretizar as suas metas e fez sua vida a partir do karatê.

Do final da década de 1970 ao início da década de 1990 o karatê dominou o mercado das artes marciais da região, deixando um legado esportivo e social em seus praticantes e colaboradores. Segundo os relatos dos mestres entrevistados, ele foi perdendo espaço com a

¹ Os nomes são fictícios.

² Lutas cujas regras eram pouco rígidas e variavam de acordo com a ocasião. Na maior parte desses confrontos valia-se toda a sorte de golpes (daí o nome da modalidade), à exceção de mordidas, inserções de dedos nos olhos e golpes contra os testículos.

³ Petrolina fica localizada no centro no sertão nordestino e se desenvolveu economicamente graças ao investimento nas técnicas de irrigação e plantio no solo semiárido.



falta de apoio do poder público e com a chegada de outras artes marciais, como o kung fu, o muay thai e o jiu jitsu.

CONCLUSÕES

A história do karatê na região do Vale do São Francisco tem como característica peculiar um fluxo migratório aparentemente estranho, se tomarmos como referência uma possível visão etnocêntrica dos que vivem na região Sudeste do Brasil. Nesse fluxo, mestres de karatê nordestinos se deslocaram para o sertão do Nordeste – para a cidade de Petrolina – em busca das oportunidades que o crescimento econômico da região poderia lhes oferecer. Outro ponto marcante foi a influência da indústria cultural, tanto no mercado da luta quanto nos próprios fluxos migratórios supracitados.

REFERÊNCIAS

FROSI, T. O. **Uma história do karatê-do no Rio Grande do Sul: de arte marcial a prática esportiva**. Dissertação (Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012.

FROSI, T. O.; MAZO, J. Z. Repensando a história do karatê contada no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo: v. 25, n.2, abr./jun. 2011.

LOPES FILHO, B. J. P. **Karatê Budô: os valores no caminho das mãos para o vazio**. 109 f. Monografia (Bacharelado em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013.

REIS, J. C. Da história “global à história em migalhas”: o que se perde, que se ganha? In: GUAZZELLI, C. A. et al. **Questões de teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

VIANNA, J. A. Valores tradicionais do karatê: uma aproximação histórica e interpretativa. RODRIGUES, M. A. A. et al (org.). **Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte: UFMG / EEF, 1996.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Bolsa de iniciação científica da FACEPE.

¹ Graduando em Educação Física pela Universidade federal do Vale do São Francisco.
Email: Pedrinho_askape@hotmail.com.

² Doutor em Educação Física. Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Email: alvaro.millen@gmail.com.